

Paratodos

Chico Buarque

O meu pai era paulista
Meu avô, pernambucano
O meu bisavô, mineiro
Meu tataravô, baiano
Meu maestro soberano
Foi Antonio Brasileiro

Foi Antonio Brasileiro
Quem soprou essa toada
Que cobri de redondilhas
Pra seguir minha jornada
E com a vista enevoadas
Ver o inferno e maravilhas

Nessas tortuosas trilhas
A viola me redime
Creia, ilustre cavalheiro
Contra fel, moléstia e crime
Use Dorival Caymmi
Vá de Jackson do Pandeiro



Vi cidades, vi dinheiro
Bandoleiros, vi hospícios
Moças feito passarinho
Avoando de edifícios
Fume Ari, cheire Vinicius
Beba Nelson Cavaquinho

Para um coração mesquinho
Contra a solidão agreste
Luiz Gonzaga é tiro certo
Pixinguinha é inconteste
Tome Noel, Cartola, Oretes
Caetano e João Gilberto

Viva Erasmo, Ben, Roberto
Gil e Hermeto, palmas para
Todos os instrumentistas
Salve Edu, Bituca, Nara
Gal, Bethânia, Rita, Clara
Evoé, jovens à vista

O meu pai era paulista
Meu avô, pernambucano
o meu bisavô, mineiro
meu tataravô, baiano
vou na estrada há muitos anos
sou um artista brasileiro



Direito dos trabalhadores: onde estão?

Janete Schneider, Rosidete, Neuri Pereira, Adauto D. Machado e José Marcelo de Oliveira

As empresas hoje trabalham no ritmo do capitalismo e obrigam o trabalhador a acompanhar seu ritmo. Não é difícil encontrar trabalhadores sendo explorados dentro delas. Querendo acompanhar este ritmo, os trabalhadores deixam de lado sua própria segurança. Estes mesmos, quando acidentam-se deixam de ser úteis para a empresa em que trabalham, pois trabalhador parado não traz lucro algum. Nas empresas que seguem o taylorismo "tempo é dinheiro, ou produzir mais em menos tempo", esquecendo da valorização que devem dar aos funcionários, que muitas vezes dedicam quase todo o seu tempo ao trabalho.

Hoje em dia, muitos trabalhadores ainda são explorados, trabalhando em regime de escravidão, trabalhando apenas para comer, apenas em troca do seu sustento. Outros trabalham sem direito algum de décimo terceiro salário, seguro-desemprego, horas extras e, até mesmo sem o direito de ter alguns dias de férias por ano.

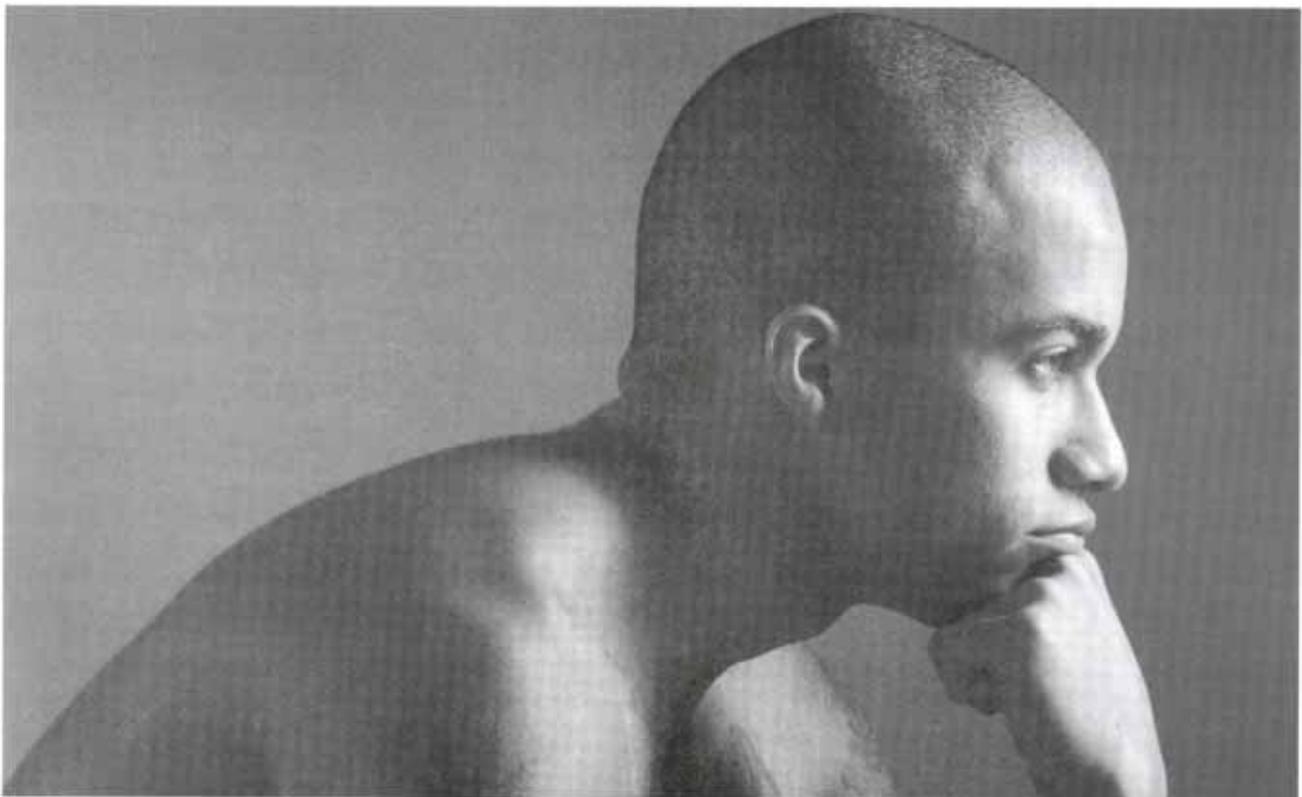
Texto elaborado pelos alunos do Programa Integração no Núcleo de Carambei - PR





Dificuldades para a busca da verdade¹

Marilena Chaui



Em nossa sociedade, é muito difícil despertar nas pessoas o desejo de buscar a verdade. Pode parecer paradoxal que assim seja, pois parecemos viver numa sociedade que acredita nas ciências, que luta por escolas, que recebe durante 24 horas diárias informações vindas de jornais, rádios e televisões, que possui editoras, livrarias, bibliotecas, museus, salas de cinema e de teatro, vídeos, fotografias e computadores.

Ora, é justamente essa enorme quantidade de veículos e formas de informação que acaba tornando tão difícil a busca da verdade, pois todo mundo acredita que está recebendo, de modos variados e diferentes, informações científicas, filosóficas, políticas, artísticas e que tais informações são verdadeiras, sobretudo porque tal quantidade informativa ultrapassa a experiência vivida pelas pessoas, que, por isso, não



têm meios para avaliar o que recebem.

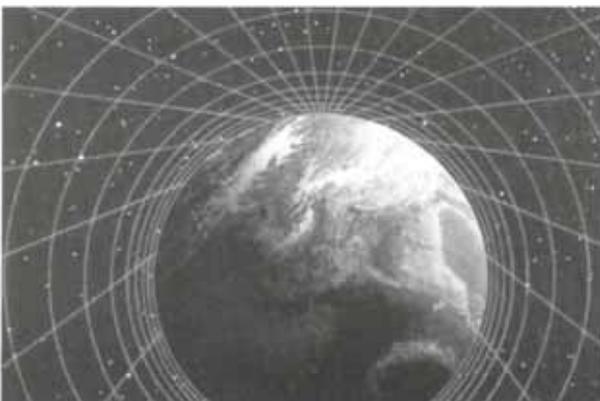
Bastaria, no entanto, que uma mesma pessoa, durante uma semana, lesse de manhã quatro jornais diferentes e ouvisse três noticiários de rádio diferentes; à tarde, freqüentasse duas escolas diferentes, onde os mesmos cursos estariam sendo ministrados; e, à noite, visse os noticiários de quatro canais diferentes de televisão, para que, comparando todas as informações recebidas, descobrisse que elas “não batem” umas com as outras, que há vários “mundos” e várias “sociedades” diferentes, dependendo da fonte de informação.

Uma experiência como essa criaria perplexidade, dúvida e incerteza. Mas as pessoas não fazem ou não podem fazer tal experiência e por isso não percebem que, em lugar de receber informações, estão sendo desinformadas. E, sobretudo, como há ou-

tras pessoas (o jornalista, o radialista, o professor, o médico, o policial, o repórter) dizendo a elas o que devem saber, o que podem saber, o que podem e devem fazer ou sentir, confiando na palavra desses “emissores de mensagens”, as pessoas se sentem seguras e confiantes, e não há incerteza porque há ignorância.

Uma outra dificuldade para fazer surgir o desejo da busca da verdade, em nossa sociedade, vem da propaganda.

A propaganda trata todas as pessoas crianças, jovens, adultos, idosos como crianças extremamente ingênuas e crédulas. O mundo é sempre um mundo “de faz-de-conta”: nele a margarina fresca faz a família bonita, alegre, unida e feliz; o automóvel faz o homem confiante, inteligente, belo, sedutor, bem-sucedido nos negócios, cheio de namoradas lindas; o desodorante faz a





moça bonita, atraente, bem empregada, bem vestida, com um belo apartamento e lindos namorados; o cigarro leva as pessoas para belíssimas paisagens exóticas, cheias de aventura e de negócios coroados de sucesso que terminam com lindos jantares à luz de velas.

A propaganda nunca vende um produto dizendo o que ele é e para que serve. Ela vende o produto rodeando-o de magias, belezas, dando-lhe qualidades que são de outras coisas (a criança saudável, o jovem bonito, o adulto inteligente, o idoso feliz, a casa agradável etc.), produzindo um eterno “faz-de-conta”.

Uma outra dificuldade para o desejo da busca da verdade vem da atitude dos políticos nos quais as pessoas confiam, ouvindo seus programas, suas propostas, seus projetos enfim, dando-lhes o voto e vendo-se, depois, ludibriadas, não só porque não são cumpridas as promessas, mas também porque há corrupção, mau uso do dinheiro público, crescimento das desigualdades e das injustiças, da miséria e da violência.

Em vista disso, a tendência das pessoas é julgar que é impossível a verdade na política, passando a desconfiar do valor

e da necessidade da democracia e aceitando “vender” seu voto por alguma vantagem imediata e pessoal, ou caem na descrença e no ceticismo.

No entanto, essas dificuldades podem ter o efeito oposto, isto é, suscitar em muitas pessoas dúvidas, incertezas, desconfianças e desilusões que as façam desejar conhecer a realidade, a sociedade, a ciência, as artes, a política. Muitos começam a não aceitar o que lhes é dito. Muitos começam a não acreditar no que lhes é mostrado. E, como Sócrates em Atenas, começam a fazer perguntas, a indagar sobre fatos e pessoas, coisas e situações, a exigir explicações, a exigir liberdade de pensamento e de conhecimento.

Para essas pessoas, surge o desejo e a necessidade da busca da verdade. Essa busca nasce não só da dúvida e da incerteza, nasce também da ação deliberada contra os preconceitos, contra as idéias e opiniões estabelecidas, contra crenças que paralisam a capacidade de pensar e de agir livremente. ■

¹ Texto extraído do Livro: *Convite à Filosofia de Marilena Chauí*. São Paulo: Editora Ática. 1994.



Telejornovelismo

No início de setembro de 1994, o então ministro da economia, Rubens Ricupero, cometeu um deslize que lhe custaria o cargo.

Sem saber que sua imagem e palavra estavam sendo captadas por antenas parabólicas, Ricupero conversava informalmente nos estúdios da Rede Globo com o jornalista Carlos Monforte, pouco antes do início da entrevista sobre o plano real. Durante conversa informal, Ricupero, cometeu a espantosa imprudência de ser ...sincero! Pecado capital: nem por um segundo ele deveria ter esquecido que a televisão é o mundo da simulação, do teatro, da manipulação das imagens, da prestidigitação de discurso- mesmo que se acredita que suas câmaras estejam desligadas.

**Imagens,
milhões de
imagens, eis
o que eu
devero...
Já procurou
abandonar
esse vício?**

William Burroughs

É obvio que não importa discutir aqui as eventuais consequências político-partidário do caso, mas sim aproveitar essa magnífica oportunidade para iniciar uma reflexão sobre o papel da televisão no imaginário das pessoas, em particular quando se trata de grandes momentos políticos. É justamente no desenvolvimento de uma disputa eleitoral que mais se exacerbam os estereótipos, mais se constroem figuras ideais, (do "bem" e do "mal") com as quais os políticos pretendem captar as simpatias dos telespectadores e despertar o repúdio dos adversários. É o momento privilegiado para a construção de imagem.





Na ocasião Ricupero, acreditando na privacidade do estúdio da Rede Globo, comentou com Monforte que o Plano Real era mesmo um grande artifício eleitoral para ganhar votos para o candidato do governo, Fernando Henrique Cardoso. Sua frase mais espantosa, mais reveladora – e também, como veremos a que mais essencialmente traduz a essência da televisão – foi: “Eu não tenho escrúpulo. O que é bom a gente fatura; o que é ruim esconde”.

Ricupero comentou também que a Globo teve “muita sorte” porque podia usar a imagem dele – Ricupero – para apoiar o candidato do PSDB, coisa que a rede de televisão não podia fazer diretamente sem entrar em conflito com a legislação eleitoral do País. Em suas próprias palavras Ricupero funcionaria como uma espécie de ventríloco de luxo de FHC, seria sua imagem refratada por um processo de simulação. Diante dos telespectadores, Ricupero fazia de conta que era ele mesmo, Ricupero, que falava, quando, na verdade, todos sabiam que ele reverberava na matriz, FHC; os telespectadores fingiam acreditar que estavam assistindo a Ricupero, quando que de fato viam era o candidato FHC.

A TV era o vínculo desse pacto de silêncio, desse processo de simulação de imagens, dessa falsa transparência que oculta o jogo da forma mais eficaz possível o brilho de suas imagens cega, ofusca com o excesso de luz, a capacidade de desenvolvimento do olhar. Na TV, a imagem se opõe ao pensamento, porque convida permanentemente o telespectador a identificar a “realidade” com aquilo que ele vê, e o telespectador se sente confortável por ter um acesso tão direto, tão imediato, ao mundo do “real”. ■



Cultura e humanização¹

Maria Lúcia Aranha, Maria Helena Pires Martins

As diferenças entre o homem e o animal não são apenas de grau, pois, enquanto o animal permanece mergulhado na natureza, o homem é capaz de transformá-la tornando possível a cultura. O mundo resultante da ação humana é um mundo que não podemos chamar de natural, pois se encontra transformado pelo homem.

A palavra cultura também tem vários significados, tais como o de cultura de terra ou cultura de um homem letrado. Em antropologia cultura significa tudo o que um homem produz ao construir sua existência; as práticas, as teorias, as instituições os valores materiais espirituais. Se o contato que o homem tem com o mundo é intermediado pelo símbolo, a cultura é o conjunto de símbolos elaborados por um povo em um determinado tempo ou lugar. Dada a infinita possibilidade de simbolizar, as culturas dos povos são infinitas e variadas.

A cultura é, portanto, um processo de alta liberação progressiva do homem, o que caracteriza como um ser mutação, um ser de projeto, que se faz a medida que transcende que ultrapassa a própria experiência.

Quando o filósofo contemporâneo GUSDORF diz que “o homem não é o que é, mas é o que não é” não está fazendo um jogo de palavras. Ele quer dizer que o homem não se define por um modo que o antecede, por uma essência que o caracteriza, nem é apenas o que as circunstâncias fizeram dele. Ele se define pelo lançar-se no futuro antecipando, por meio de um projeto sua ação consciente sobre o mundo.

Não há caminho feito, mas a fazer, não há modelo de conduta, mas um processo contínuo de estabelecimento de valores. Nada mais se apresenta como absolutamente certo e inquestionável.

É evidente que essa condição de certa forma fragiliza o homem, pois ele perde a segurança característica da vida animal, em harmonia com a natureza.

Ao mesmo tempo, o que parece ser sua fragilidade é justamente a característica humana mais perfeita e mais nobre; a capacidade do homem de produzir sua própria cultura.

¹ Texto Extraído do livro: *Filosofando*. São Paulo: Editora Moderna. 1993.



Comunique-se através da arte

Delza Tereza Lombardi'



Navegando pela INTERNET – nessa viagem encontra-se cada coisa interessante, mas também cada coisa horrível, horripilante, que representa a escória do pensamento humano... Bem, nessa minha viagem encontrei um Site² da Editora Moderna e nele estava sendo apresentado aos seus leitores o que é Paródia. E como achei superinteressante, apropriei-me da idéia para repassá-la para você, agora o meu leitor.

A paródia é uma nova interpretação, ou seja, uma recriação de uma obra já existente e, em geral, consagrada. Seu objetivo é adaptar a obra original a um novo contexto, passando diferentes mensagens que freqüentemente se utilizam do humor.

Para a paródia ser melhor compreendida, é importante que o original seja conhecido. Assim os trabalhos poderão ser relacionados e se perceber o porquê das modificações.



O serviço do Site consistia em apresentar uma pintura ou um texto original e solicitar aos seus frequentadores a fazerem uma paródia. Então escolhi, como exemplo para nosso estudo, o texto e a pintura de Edvard Munch como obras originais e a paródia de Tânia Balsini, contidas nesse Site.

Veja:

Munch³ escreveu:

"Certa vez, eu caminhava por uma via, a cidade de um lado e o Fiorde embaixo. Sentia-me cansado, doente... O sol se punha e as nuvens tornavam-se vermelho-sangue. Senti um grito passar pela natureza e pareceu-me ouvi-lo. Pinte esse quadro, pinte as nuvens como sangue real. A cor uivava".

A tela é uma imponente exclamação do homem diante do nada, diante do absurdo de uma vida que será "engolida pela morte irreversível".

Tania Balsini fez uma paródia do texto e poderia ter feito também uma paródia da pintura, mas não o fez. Vejamos o texto.



Edvard Munch
O Grito, 1893.
Galeria Nacional,
Oslo,
Noruega.
Movimento
artístico:
Expressionismo

O grito

Esse grito que não precisa ser em voz muito alta, mas que diga a que veio. Esse grito que não precisa ser muito desesperado, mas que ponha abaixo as injustiças sofridas. Esse grito que não precisa ser violento e que ponha amor no coração do mundo! Um grito em forma de prece, que mostre aos outros o que realmente precisamos: Verdade - Integridade - Consciência - Aceitação - Equilíbrio - Amor - Harmonia - Felicidade. Tudo isso está aí para ser vivido. Vamos realçá-los!

Tânia Balsini, São Paulo – SP-15/06/99



Você deve ter observado que Munch usou dois recursos da comunicação para expressar seu sentimento: a pintura e a escrita. Ele estava mal consigo mesmo, ele estava doente. Precisava exprimir toda sua ansiedade - pintou seu grito e ainda explicou porquê. Tânia Balsini, diante da realidade atual de injustiças e violências fez uma paródia do texto de Munch, dando um grito de "Basta! e de Paz". Assim esses autores comunicaram aos seus leitores os seus sentimentos diante das realidades que os defrontavam. Você também pode se expressar, utilizando esses recursos da comunicação: o texto, a pintura e a paródia.

Hoje nós temos muitas situações que nos impulsionam a gritar. Nosso Brasil, tem muitas belezas, porém também está presente a miséria, a injustiça, a corrupção, a exploração... Penso que se começássemos a gritar muitas seriam as vozes para nos acompanhar. ■



Diante da sua realidade, como você expressaria o seu grito, convidando outros para acompanhá-lo(a) ? Faça a sua paródia, utilizando da escrita e da pintura e tendo como original o texto e a pintura de Munch.

¹ Coordenadora Pedagógico da Contracs - ES

² A palavra SITE é uma palavra inglesa e se lê "saite" que é uma localização na WWW (World Wide Web - teia de alcance mundial). Utiliza-se a palavra para definir o conjunto total de páginas, onde são colocadas as informações de uma Empresa, de uma Entidade, etc. para que os usuários da Internet as conheçam..

³ Fonte: Os grandes artistas – Romantismo e Impressionismo. S.Paulo, Nova Cultural, 1991



A Comunicação Transcultural¹

Juan E. Díaz Bordenave

O fato de que cada cultura tenha seus próprios códigos de comunicação torna bastante difícil a comunicação entre culturas diferentes. Na experiências de missionários, exploradores, diplomatas e técnicos de organismos internacionais, existem numerosos exemplos de confusões devidas a uma decodificação errada dos códigos locais.

Alguns exemplos:

■ Um missionário que ensinou a rezar o "Eu, pecador" a crianças africanas, estranhou-se as gargalhadas provocadas pelos golpes no peito que no Ocidente Católico acompanham a parte que diz "minha culpa, minha grande culpa". Ocorre que em certas culturas africanas bater no peito

significa "eu estou zombando de você".

■ Um técnico internacional chileno, visitando o Brasil pela primeira vez, procurou um copo no

banheiro do hotel e não achou. Como em espanhol a palavra para copo é "vaso", ele telefonou para a portaria dizendo: "em meu banheiro não há vaso". "Não é possível!", responderam na recepção. "Tem de haver um vaso em seu banheiro!! Será que está quebrado?". "Não – exclamou o chileno – aqui não há vaso e estou precisando escovar os dentes!". –

arrotar ruidosamente após as refeições é considerado de péssima educação nas culturas ocidentais. Mas nas orientais o hóspede que não arrota está "significando" que não gostou das comidas





que lhe foram servidas, ou que elas não foram suficientes para deixá-lo satisfeito.

- A distância física que se deve guardar entre as pessoas varia nas diferentes culturas. Algumas valorizam a proximidade, o contato físico, o abraço, o beijo. Outras preferem que seja mantida uma prudente distância entre as pessoas e decodificam a aproximação “excessiva” como mostra de vulgaridade e classe baixa.

- Querendo ser amável com estudantes africanos recém-chegados, o professor norte-americano falou para eles: “Apareçam alguma vez para jantar em minha casa”. Na semana seguinte os africanos chegaram para jantar. Na sua cultura, um convite é sempre tomado a sério quando, na norte-americana, deve ser codificado apenas como uma mostra de simpatia.

- Na China, a cor que expressa luto é a cor branco e não a preta como na América Latina. O significado da morte varia também segundo as culturas. Na cultura ocidental a morte é o máximo inimigo que se deve evitar por todos os meios. No Japão, entre as pessoas religiosas, a morte pelo imperador ou pela pátria era considerada a maior glória que um homem poderia desejar.

- Para indicar a altura de uma pessoa, de um animal ou de uma coisa, em Costa Rica e no México, usam-se gestos feitos com a mão, diferentes para cada caso. No Brasil, a altura de pessoas, animais e coisas sem distinção indica-se colocando a mão na posição horizontal, palmas para baixo, usar para pessoas o gesto reservado para animais ou coisas é considerado ofensivo no México e na Costa Rica.

- Enquanto nos países católicos os homens devem tirar o chapéu para entrar numa igreja, em Israel e nos templos israelitas os homens devem cobrir a cabeça para serem admitidos.

As diferenças transculturais na decodificação dos signos ilustram muito claramente o caráter arbitrário dos signos criados pelo homem. Com efeito, cada cultura cria seus próprios signos e lhes atribui seus próprios significados. Para que o signos comuniquem, deve haver uma convenção ou acordo entre as partes. E isto é precisamente o papel da cultura ao estabelecer seus códigos.■

¹ Texto extraído do livro: *O que é Comunicação*. Juan E. Diaz Bordenave. São Paulo: Brasiliense. 1986.



Burgueses e proletários¹

Karl Marx

A história de toda sociedade existente até hoje tem sido a história das lutas de classes.

Homem livre e escravo, patricio e plebeu, senhor e servo, mestre de corporação e companheiro, numa palavra, o opressor e o oprimido permaneceram em constante oposição um ao outro, levada a efeito numa guerra ininterrupta, ora disfarçada, ora aberta, que terminou, cada vez, ou pela reconstituição revolucionária de toda a sociedade ou pela destruição das classes em conflito.

Desde as épocas mais remotas da história, encontramos, em praticamente toda parte, uma complexa divisão da sociedade em classes diferentes, uma gradação múltipla das condições sociais. Na Roma Antiga, temos os patrícios, os guerreiros, os plebeus, os escravos; na Idade Média, os senhores, os vassallos, os mestres, os companheiros, os aprendizes, os servos; e, em quase todas essas classes, outras camadas subordinadas.

A sociedade moderna burguesa, surgida das ruínas da sociedade feudal, não aboliu os antagonismos de classes. Apenas estabeleceu novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta em lugar das velhas. ■

¹ Extraído do livro: *150 anos de Manifesto Comunista*. Org: Jorge Almeida e Vitória Cancelli. São Paulo: Xamã Editora. 1988.

